

PEQUENAS HISTÓRIAS 05

O Velho Coronel

Pequenas viagens!... O sol já devia estar brilhando na Terra, pois no Plano onde me encontrava, lindos filetes dourados, sem brilho, como que aveludados se espalhavam por sobre aquele pântano distante, lá embaixo no Vale Negro.

Eu, sentada com Pai Joaquim das Almas de Enoque, sentia o esplendor de tudo que víamos. Divisamos ao longe um homem de branco, que caminhava de um lado para outro, sem sossego. – Quem poderia ser? – perguntei.

– Aquele homem é Eugênio, um velho Coronel dos bons tempos – respondeu Pai Joaquim das Almas.

O homem se aproximou, vindo ao nosso encontro. – Salve Deus! – Eu disse.

– Eu me chamo Frazão – falou o homem.

– Frazão? Ué, Pai Joaquim, o senhor disse que ele era Eugênio... – Eugênio Frazão. É porque minha vidência não está boa, fia... Rimos muito, descontraídos.

– É viva? – Perguntou Eugênio Frazão.

– Somos todos vivos – disse Pai Joaquim nos descontraindo – Neiva tem grandes Mediunidades e está aqui sonhando conosco.

Frazão se juntou a nós e começou logo a contar sua vida:

– Sou um pobre homem louco... Sou recém chegado. Tenho apenas nove anos... Vivia naquele pântano, sem destino, pedindo a Deus que me deixasse sucumbir naquele lamaçal. – E foi dizendo sem que ninguém perguntasse: – Fui bem casado, tive dois filhos: um homem e uma mulher. Ergui uma pequena Vila com amor e harmonia que se transformou em uma linda cidadezinha. Mal sabia que Deus havia me proporcionado tudo para que eu ajudasse aquela gente, naquele tempo difícil.

Todos me respeitavam, por meu amor e dedicação ao povo e àquele lugar. Tudo teria continuado na maior felicidade se eu não tivesse dado ouvidos a um tal Secretário, espécie de ordenança, homem muito ligado ao Padre daquela Paróquia. Ele foi me avisar da chegada de um Curandeiro que começara a fazer trabalhos nas redondezas. Sem pensar, eu que era homem ponderado, mandei o Secretário ir até ele e ordenar que cessasse imediatamente aquelas atividades. E não cuidei mais do assunto, pois estava com viagem marcada para a Capital, onde ia fazer prestação de contas, devendo me demorar por uns sessenta dias.

Foi mesmo... Ainda me lembro bem dessa viagem... Sem ter muita consciência, mas sentindo que o destino, o meu pobre destino, havia me reencontrado, cheguei àquela cidade grande. Comecei minhas tarefas nos diversos órgãos públicos, e um dia saindo de uma das salas daquelas repartições, esbarrei numa moça que vinha pelo corredor e derrubei sua pasta. Abaixei-me rápido murmurando desculpas e apanhei a pasta. E quando nos olhamos, nos reconhecemos: era Geruza, uma antiga namorada com quem eu não havia podido casar, porque seus pais não confiavam em mim. Gente importante, para romper o romance haviam partido para a França, levando a filha obediente da qual nunca mais eu soubera qualquer notícia. A única coisa que sabia, era que Geruza nunca havia se casado.

Na força que age sobre duas pessoas que se amam, nos abraçamos. E quando acordamos da surpresa estávamos abraçados. Ficamos sem graça sentindo o peso de nossas responsabilidades, tão importantes nas nossas idades. Não me recordo bem do que falamos, mas sei que com algum embaraço mais uma vez sentimos a crueldade da separação. Não combinamos um novo encontro, não nos demos endereços, enfim, sabíamos que não tínhamos condições para nos reencontrarmos.

Retornei à minha Vila, mas meu pensamento estava distante. A estação movimentada, baldeações em charretes para outra estação, o trenzinho de madeira enfumaçado, soltando faíscas que ameaçavam

nossas roupas, nada disso conseguia minha atenção, voltada totalmente para Geruza. Agia como um autômato e minha mente não se ligava na viagem e, nem na minha família que ia rever.

Meu Deus! O que fora fazer naquela repartição? Porque o destino armara aquele encontro. E o pensamento em Geruza me envolvia, tomava conta de mim. Lembrava-me daqueles dias felizes, dos passeios, das cachoeiras. Aquela criaturinha meiga e amorosa que me completava e enchia minha vida de um colorido alegre e, também lembrei daqueles olhos cheios de lágrimas, o desespero estampado no lindo rosto, quando me disse que os pais iriam partir e ela teria que acompanhá-los. Não tinha coragem para desobedecer... E partiu um dia deixando aquela triste carta de adeus. E sobreveio uma revolta em meu íntimo, por que me martirizar? Ora, se ela não quis e pronto! Cada um seguiu sua vida... Mas eram apenas palavras para me consolar. Quando dei conta de mim as lágrimas corriam pelo meu rosto e o trenzinho estava chegando ao meu Vilarejo. Resolvi que era meu lugar e que tudo o mais teria de ficar para trás.

Oh, Tia Neiva! Destino cruel! Em nenhum momento senti enfraquecer o amor que dedicava à minha velha esposa. Comecei a pensar nas diversas famílias, numerosas pessoas que eram felizes naquele lugar, graças ao meu trabalho para desenvolvê-lo. Muitas culturas, criações de grande futuro, todo aquele gado, as grandes fazendas, tudo fruto da minha direção. Agora sabia de onde tirara a força para tudo aquilo: procurava preencher o vazio que meu coração sentia ao ter que me separar de Geruza. O grande amor que sentia por ela, havia na sua falta sido distribuído por todo aquele lugar, dedicando-me àquela missão de corpo e alma.

– Sim, Coronel – disse eu – tenho certeza disso. O amor tira realmente muita terra do coração do homem. Digo isso por mim: o grande amor que sinto por meus filhos – um amor tão grande que ultrapassou as barreiras do som e me faz amar todo esse Universo. Só o amor edifica! Somente o amor absoluto, como por exemplo: o amor das Almas Gêmeas que se encontram na Terra, faz uma transformação tão grande que permite o nascimento no homem do Amor Incondicional, essa força bendita que ilumina os três reinos de nossa natureza, aumentando o poder de nosso Sol Interior, esse sol que exige nosso bom comportamento, que nos faz sentir em cada ser o novo resplandecer dentro de nós.

– Ai! – Disse Pai Joaquim – aprendeste muita coisa na Terra. Muita coisa mesmo. Neiva como estás falando bonito! Aliás, o que é mais bonito na Terra é ouvir o homem em seu sacerdócio. Sim, mesmo o homem de poucas letras, explanando o sacerdócio.

– O senhor quer dizer com esse homem de poucas letras que se trata de um semianalfabeto? – Perguntei – pois saiba querido Pai Joaquim que tenho ricos professores, homens togados, que saem aqui deste esplendor para irem me ensinar lá em baixo... Sou mesmo uma protegida, não sou? – É fia, mas você não pode mentir. Seus olhos estão empenhados a Jesus. O que te faz falar bonito é o que acabou de dizer: o grande Amor Incondicional. Aqui é fácil falar, porém, na Terra é muito difícil. O homem carrega sérios defeitos através dos milênios e fica muito difícil amá-lo. – Não quero saber dessas cargas – tornei a dizer. Eu levo o meu quinhão e enquanto tenho forças levo também o dele. Quando vejo ele já está sem defeitos... Mas, vamos continuar com a sua história Coronel.

– Quando cheguei à estação, fiquei surpreso. Não havia qualquer um dos meus familiares a me esperar. Apenas estava me aguardando aquele homem em quem eu confiava demais, o meu ordenança.

É Tia, dizem que ninguém engana ninguém, mas fui enganado por aquele homem a quem tanto me dedicara. Logo após as saudações ele começou a me relatar coisas amargas, dizendo que o tal Curandeiro não me respeitava e continuava fazendo seus feitiços. Como eu o proibira de fazer suas sessões na casa dele, agora ele ia de casa em casa realizando trabalhos e levando o povo ao fanatismo.

Era um mau momento o meu. Com a emoção me dominando, cansado e magoado, aquela notícia foi a gota d'água que transbordou meu cálice. Tomado pela fúria ordenei que prendessem o Curandeiro e que lhe fosse aplicada uma surra na praça pública.

O perverso ordenança era o próprio mensageiro do mal. Disse que meus filhos não puderam ir porque meu netinho estava doente, muito mal. Essa notícia acabou de me derrubar. Meu neto era há muito a devoção de minha vida. Alucinado, partimos para casa e durante o trajeto o ordenança ficou falando sobre as manobras do Curandeiro para burlar minhas ordens. E, mal chegamos a minha casa o Ordenança correu à casa do Curandeiro para prendê-lo.

Oh, meu Deus! Eu mal sabia que aqueles homens eram meus algozes e que Deus me colocara ali como Missionário, para evoluir aquele povo e suavizar o terrível encontro, encontro esse em que o obsessor era meu próprio pai. Pelo meu amor, pela minha compreensão, pela ternura que lidava com cada um, eu estava encaminhando aquela gente. Não podia saber que Deus havia mandado aquele pobre homem – o Curandeiro – para me ajudar.

Não... envenenado, preferi dar ouvidos ao Ordenança, que com sua mente deturpada punha em jogo toda aquela gente que eu tanto amava. Oh, meu Deus! Como me livrar do terrível acusado?... Sim, hoje eu digo Tia Neiva, que o Missionário nem por um instante pode ouvir outra voz, que não seja a do seu próprio coração.

– Sim – disse eu – Jamais cairei nesta infração. Não aceito comentários de ninguém: só ouço a voz do meu coração e só confio na minha Clarividência.

Rimos com amargura, e ele continuou:

– Chegamos à minha casa, já ouvia os gritos tristes do povo. Certamente estavam lamentando a prisão do Curandeiro, pensei. Meu filho e minha nora chorando, vieram ao meu encontro e me imploraram que os deixasse chamar o Curandeiro, pois ele já havia curado muitos casos daquela triste febre que estava matando meu netinho.

Sim, como pudera ser tão vil? Como pude? Depois de tanta experiência, fazer o que fiz? Tanta realização, mas na verdade eu estava desajustado.

Aproximei-me de meu netinho, que ardia em febre. Lá fora a algazarra havia aumentado. Podia ouvir o povo e ninguém vinha me dizer o que estava acontecendo. O Ordenança havia sumido. Oh, meu Deus! Por que meu Deus, eu merecia passar toda aquela dor? Ver morrer em meus braços o meu netinho... Apenas por uma palavra, um gesto eu colocaria a perder o que me era mais caro.

Mais uma vez me sentia como que morto por dentro. Aquela algazarra... se alguém viesse pelo menos dizer que não era nada com o Curandeiro e sim alguém que chegava e estavam festejando... Qualquer coisa menos o castigo do Curandeiro, pensava eu.

No quarto ninguém falava. Apenas se ouvia a respiração ofegante da criança moribunda e os soluços dos pais e de minha velha esposa. Nesse momento, Tia Neiva, garanto que meu único pensamento era salvar meu netinho. Minha nora parecia adivinhar meus pensamentos e levantando-se num repente, com firme determinação, me disse que ia buscar o velho Curandeiro. Não falei nada. Eu pensava que era muito corajoso, mas não passava de um grande covarde.

Súbito uma força incrível, um impulso violento arrancou-me dali, e saí correndo sem destino. Corria, corria e de repente senti-me leve, leve como se não tivesse mais o corpo e me transportei, chegando aos lugares onde meu pensamento me levava. Cheguei até aqui e então soube que morrera na mata.

Essa é a minha história, Tia. Tudo teria dado certo se não tivesse ouvido as mentiras do meu Ordenança. Triste e infeliz daquele que ouve os fuxiqueiros, os malvados que se armam em julgadores... Aquele Curandeiro era meu pai, que fora instrumento para testar a minha humildade. E eu que me sentia humilde, que me dizia humilde, porque todos viviam a meus pés, à primeira prova caí como um louco. Oh, meu Deus! Não me encontrei com o Curandeiro para lhe pedir perdão pelo capricho do meu destino, de minha prova. Ele foi ter com Deus e eu fiquei aqui Tia Neiva. Pai Joaquim segurou a mão do velho Coronel, e seus olhos brilhavam quando falou:

– Não, meu filho. Você se enganou! A algazarra que você ouviu era o povo se distraíndo com as graças que uma velha fazia na praça. O seu Ordenança não chegou até a casa do Curandeiro, com medo daquele povo que estava ali. Sua nora conseguiu que o Curandeiro fosse curar seu neto, e todos teriam ficado muito felizes não fosse terem encontrado seu corpo na mata. Você foi um homem muito honesto e, pense sempre nessa lição, para que não tenha mais que sofrer, para não mais julgar ou corrigir sem amar.

– Agora sim... Agora tenho a cabeça para trabalhar, para cumprir uma Missão... Salve Deus! – Dissemos juntos.

Vai, fia – Disse Pai Joaquim olhando para mim, que os filetes do sol já começam a surgir. E logo, eu estava em casa.

Com carinho,

A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.